

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS

ELIANE MARGARIDA DE SOUSA

**A PRESERVAÇÃO DOS COSTUMES LÚDICOS DAS RUAS COMO
CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DAS
CRIANÇAS NA CIDADE DE MONSENHOR HIPÓLITO – PIAUÍ**

PICOS – PI

2015

ELIANE MARGARIDA DE SOUSA

**A PRESERVAÇÃO DOS COSTUMES LÚDICOS DAS RUAS COMO
CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DAS
CRIANÇAS NA CIDADE DE MONSENHOR HIPÓLITO – PIAUÍ**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí - Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Dr^a. Ada Raquel Teixeira Mourão.

PICOS – PI

2015

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S725p Sousa, Eliane Margarida de.
A Preservação dos costumes lúdicos das ruas como contribuição para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças na cidade de Monsenhor Hipólito-Piauí / Eliane Margarida de Sousa. – 2014.
CD-ROM ; 4 ¾ pol. (45 f.)

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.
Orientador(A): Prof. MSc. Ada Raquel Teixeira Mourão

1.Brincadeiras de Rua. 2. Socialização Infantil. 3. Aprendizagem. I. Título.

CDD 372.2

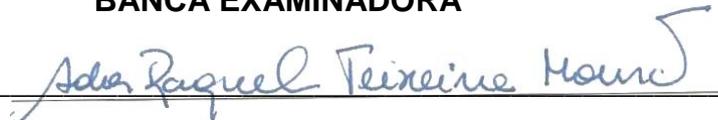
ELIANE MARGARIDA DE SOUSA

**A CONTRIBUIÇÃO DA PRESERVAÇÃO DOS COSTUMES LÚDICOS DAS RUAS
PARA O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS NA
CIDADE DE MONSENHOR HIPÓLITO – PIAUÍ**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí – CSHNB, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Ada Raquel Teixeira Mourão

Universidade Federal do Piauí CSHNB

Orientadora



Prof.ª Christiany Maria De Oliveira Santos Barros

Universidade Federal do Piauí

Membro 1



Prof.ª Maria Dolores de Santos Vieira

Universidade Federal do Piauí

Membro 2

A Deus por ser tão maravilhoso comigo. Aos meus pais e irmãos pelo amor e carinho dedicados a mim. A meu filho – meu maior incentivo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e por todas as oportunidades recebidas até aqui.

Ao meu pai Raimundo, e minha mãe Margarida, pelo apoio, por tudo que sempre fizeram por mim, pela simplicidade, exemplo, amizade e carinho, fundamentais na construção do meu caráter e por estarem presente com muita sabedoria e paciência tendo sempre uma palavra amiga para me tranquilizar nos momentos de angústia.

Aos meus irmãos e em especial a Edna pela ajuda incansável nos cuidados com meu filho.

Ao meu filho João Pedro, que mesmo ainda não possuindo a noção do quão grande foi essa batalha, me deu suporte e incentivo para ir até o fim.

Aos verdadeiros amigos que não mediram esforços para me ajudar e me acompanhar durante a caminhada e que acreditaram na minha capacidade de vencer.

E por último, e não menos importante, obrigada à minha amiga-irmã de curso, de vida e de amizade Andréa Renata, por estar sempre comigo e não me deixar fraquejar diante das dificuldades.

“Uma criança que domina o mundo que a cerca é a criança que se esforça para agir neste mundo. Para tanto, utiliza objetos substitutos aos quais confere significados diferentes daqueles que normalmente possuem. O brinquedo simbólico, o pensamento, está separado dos objetos e a ação surge das ideias e não das coisas” (VYGOTSKY).

RESUMO

Este trabalho tem como tema a preservação dos costumes lúdicos das ruas como contribuição para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças. Buscou-se conhecer os tipos de brincadeiras de rua vivenciados por elas e a percepção das mães que observam seus filhos, quanto à importância dessas brincadeiras. Analisou-se a relação e a contribuição que as brincadeiras de ruas têm no desenvolvimento e aprendizagem das crianças e como estas se socializam com seus colegas na rua, como também o grau de liberdade que as mães permitem para as brincadeiras de rua de seus filhos. A pesquisa com abordagem qualitativa foi realizada no período de setembro a dezembro de 2014, na cidade de Monsenhor Hipólito com quinze mães. Ao término da pesquisa concluiu-se que as mães reconhecem a importância de seus filhos brincarem nas ruas, e apontam como principais contribuições: o desenvolvimento psicológico, social e cognitivo das crianças.

Palavras-chave: Brincadeiras de rua. Socialização infantil. Aprendizagem. Desenvolvimento.

ABSTRACT

This work has the theme the preservation of ludichabits streets as contribution to the development of children's learning. Was sought to know the types of street games experienced by them and the perception of mothers who observe your children, as about the importance of these games. Was analyzed the relationship and the contribution that dames' streets have in the development and learning of children. The qualitative research was performed between Septembers to December 2014 in the city "Monsignor Hipolito" with fifteen mothers. At the end of the research was concluded the mothers recognize the importance of yours children play in the streets and pointed as main contributions: the psychological, social and cognitive development of children.

Keywords: Street games. Children's socialization. Learning. Development.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 01: Imagem da rua pesquisada	25
Ilustração 02: Gráfico das brincadeiras que as crianças mais gostam.....	27
Ilustração 03: Quadro sobre a opinião das mães quanto aos seus filhos brincarem nas ruas	28
Ilustração 04: Gráfico com as respostas das mães quanto às companhias de seus filhos para brincarem nas ruas	31
Ilustração 05: Gráfico das respostas das mães quanto aos horários que deixam seus filhos brincarem nas ruas.....	33
Ilustração 06: Gráfico da idade dos filhos dos entrevistados.....	35
Ilustração 07: Gráfico das respostas das mães sobre até aonde os filhos podem brincar nas ruas.....	36
Ilustração 08: Gráfico das respostas das mães sobre a frequência com que os filhos utilizam jogos eletrônicos.....	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	Erro! Indicador não definido.	1
CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO	Erro! Indicador não definido.	3
1.1 BRINCAR POR BRINCAR? A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA A CRIANÇA	Erro! Indicador não definido.	3
1.2 A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS NA VIDA ESCOLAR	Erro! Indicador não definido.	5
1.3 A RUA COMO ESPAÇO DE BRINCAR: AS BRINCADEIRAS E SUA INFLUÊNCIA NA APRENDIZAGEM INFANTIL.....	Erro! Indicador não definido.	8
1.4 TEÓRICOS DA APRENDIZAGEM PELO LÚDICO: WALLON E VYGOTSKY		20
CAPÍTULO II – ASPECTOS METODOLÓGICOS	Erro! Indicador não definido.	4
2.1 TIPO DE PESQUISA.....	Erro! Indicador não definido.	4
2.2 LOCAL E POPULAÇÃO DE COLETA.....	Erro! Indicador não definido.	4
2.3 COLETA E TRATAMENTO DE DADOS	Erro! Indicador não definido.	6
CAPÍTULO III – ANÁLISES E RESULTADOS	Erro! Indicador não definido.	7
CONSIDERAÇÕES FINAIS	Erro! Indicador não definido.	9
REFERÊNCIAS		41
APÊNDICE A – ENTREVISTA REALIZADA COM AS MÃES		44

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema a preservação dos costumes lúdicos das ruas como contribuição para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças na cidade de Monsenhor Hipólito – Piauí, pretendendo assim ressaltar a importância das brincadeiras para a aprendizagem e o desenvolvimento intelectual e social da criança. Partindo do pensamento de que o indivíduo é uma pessoa dotada de raciocínio, sentimentos, desejos e de expectativas é fundamental fazer com que este se socialize para que tenha vivência com o outro e adquira assim a aprendizagem suficiente para se tornar um ser social.

A escola da atualidade está focada, principalmente, na preparação do aluno para o mercado de trabalho. A preocupação reside em ensinar conteúdos voltados para a Matemática, Português, História, Geografia, Literatura enfim, disciplinas com conteúdos cansativos, sem considerar, como igualmente relevantes o lado da emoção, das brincadeiras, da afetividade e integração com o outro, para que possam crescer como seres sociais capazes de tomarem suas próprias decisões.

É no espaço da rua que a criança encontra o lugar da brincadeira e aprende se divertindo, pois é através do contato com o outro que são desenvolvidos no indivíduo o poder de pensar sobre como se deve agir diante de certas situações e com o devido respeito à alteridade. O brincar é muito importante e necessário para a criança, pois a criança se torna mais criativa, saudável, contribuindo para sua formação cognitiva, afetiva, psicológica e física.

A relevância do tema está em levantar uma questão que parece ser vista por muitos como desnecessária, pois não se dá a devida relevância ao brincar como um fator influenciador da aprendizagem. Sendo assim, a escolha deste tema visa uma contribuição para fomentar maior discussão e interesse dos pais e da sociedade em deixar suas crianças brincarem em espaços abertos, sem serem vigiadas por um profissional adulto.

A problemática que se avulta nesta pesquisa é: qual a contribuição dos costumes lúdicos das ruas para o desenvolvimento da aprendizagem nas crianças da cidade de Monsenhor Hipólito – Piauí?

Assim, pretende-se enfatizar a importância que o brincar tem na aprendizagem das crianças, refletindo sobre as atividades lúdicas e suas contribuições para o desenvolvimento infantil.

Objetiva-se através deste trabalho, analisar a relação e a contribuição que as brincadeiras de ruas têm no desenvolvimento e aprendizagem da criança e como esta se socializa com seus colegas na rua, como também conhecer o grau de liberdade que as mães permitem para as brincadeiras de rua de seus filhos.

Assim sendo, é importante refletir sobre as brincadeiras de rua, pois brincar é mais do que uma maneira divertida de passar o tempo haja vista que, se o ambiente for favorável e apropriado, a criança aprende e desenvolve todo tipo de habilidades físicas, intelectuais e sociais através da brincadeira.

O trabalho está estruturado em três capítulos, no primeiro será realizado um levantamento bibliográfico que pretende tratar da importância das brincadeiras, seus tipos, as relações sociais que nelas se estabelecem, bem como influenciam na aprendizagem infantil. Trará também uma discussão teórica sobre a aprendizagem a partir do lúdico, a fim de dar suporte teórico consistente para o desenrolar do trabalho, destacando-se as contribuições de Wallon e Vygotsky.

O segundo capítulo apresentará os aspectos metodológico tais como local e amostra da pesquisa, período de desenvolvimento, tipo de pesquisa e o tratamento que será dado às informações coletadas.

O terceiro capítulo apresentará os resultados coletados e paralelamente realizará as discussões pertinentes quanto às respostas obtidas dos entrevistados. Por fim trará as considerações a que se chegou ao término do trabalho e quais as contribuições deste para a educação e para a sociedade.

As contribuições da importância do lúdico para a infância serão fundamentais para enriquecer o acervo acadêmico, bem como servir de norteador para o posicionamento de educadores e da família, numa relação de troca de experiências em prol de melhorar o desenvolvimento afetivo e cognitivo da criança.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 BRINCAR POR BRINCAR? A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA A CRIANÇA

As brincadeiras sempre fizeram parte da vida das crianças, uma vez que isto é parte da cultura humana há séculos. O brincar é “uma atividade natural, espontânea e necessária na vida das crianças, porém durante o séc. XIX a criança não tinha este direito assegurado, pois, era vista como um adulto pequeno e, portanto, deveria participar das atividades daqueles” (SANTOS, 1997, p. 4).

O brincar é fundamental para o desenvolvimento do corpo e da mente. Toda criança tem direito a brincar, sendo esta uma ação garantida por lei, assegurada no Estatuto da Criança e do adolescente (BRASIL, 1990). Os textos legais informam que o lazer é um direito da criança, sendo um dever do Estado, da família e da sociedade.

Dessa maneira, constata-se que, o brincar assim como o educar, se constituem como direitos essenciais na vida da criança, que devem ser assegurados pelo Estado, pela família e pela sociedade. Contudo, mesmo tendo o amparo legal, nem todas as crianças têm a oportunidade e disponibilidade de tempo para o lazer através da ludicidade (PESSOA, SOUZA; FONTES, 2012).

Ao brincar encontram-se pontos positivos que repercutem diretamente no crescimento cognitivo e mental das crianças. É através deste ato que elas edificam seus julgamentos, bases morais e de sociedade. De fato brincar é fundamental na vida infantil, já que ao acionador a brincadeira, a criança tem a possibilidade de assimilar o brinquedo com situações que realmente vive.

Conforme ensina Friedman (1992), as brincadeiras contribuem de forma significativa para a interação entre as crianças e os adultos. Através das brincadeiras podem experimentar novos comportamentos e inseri-los em seu contexto social. Bons exemplos disso são as brincadeiras em grupo, como pique-

pega, pique – esconde, teatrinhos, amarelinha, etc. As brincadeiras se apresentam de diversas formas, variando de acordo com os costumes regionais, gerações e também a idade das crianças. Nesse sentido, esta autora ensina que:

A brincadeira constitui-se, basicamente, em um sistema que integra a vida social das crianças. Caracteriza-se por ser transmitida de forma expressiva de uma geração a outra ou aprendida nos grupos infantis, na rua, nos parques, escolas, festas, etc., incorporada pelas crianças de forma espontânea, variando as regras de uma cultura a outra (ou de um grupo a outro); muda a forma, mas não o conteúdo da brincadeira; o conteúdo refere-se aos objetivos básicos da brincadeira; a forma é a organização da brincadeira no que diz respeito aos objetos ou brinquedos, espaço, temática, números de jogadores, etc. (FRIEDMANN, 1992, p. 26).

Frente ao fato de que toda criança têm carência de brincar é que este direito foi reconhecido e garantido como um direito de todo cidadão e isto é resultado de anos de lutas de defensores da infância. Tem uma aquisição de direitos da criança, “o que faz da criança um sujeito com direito a educação, a cultura, a arte, ao esporte, ao lazer” (MASCIOLO, 2008, p 102). Esses estão amparados legalmente através da:

Declaração dos Direitos Humanos da ONU em 1948, os Direitos da Criança em 1959, a Constituição Federal Brasileira de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – de 1990, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, isto é, a Lei 9394/96, o estabelecimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (...) em 1998 e o Plano Nacional de Educação de 2001 (MASCIOLO, 2008, p.106).

Esse direito lhes é garantido para que a brincadeira aconteça em qualquer ambiente, tendo em vista que é a através do brinquedo que a criança inicia sua integração social, aprendendo a conviver com os outros, a situar-se frente ao mundo que o cerca, sendo assim é imprescindível que esta aprenda a se exercitar brincando e, para tal, devem-se promover espaços propiciadores da brincadeira, onde a criança sinta-se à vontade e livre para imaginar e reconstruir o seu mundo.

Nesses lugares as crianças encontram espaços que proporcionam o contato com bonecas, jogos, cantinho da leitura e outros objetos que são indispensáveis para estimular a imaginação e o seu desenvolvimento psico-cognitivo.

Um dos ambientes propícios para que a criança viva e tenha contato com a brincadeira e seus objetos são as ruas próximas às escolas e, as ruas de suas casas, ambientes seguros e conhecidos. Espaços como as ruas e a escola são ambientes de formação e preparação de cidadãos, por isso têm o papel de permitir que a infância se desenvolva baseando-se na ludicidade.

Diante do exposto é válido destacar que não se pode deixar de lado o brincar e sua importância, pois são indispensáveis à vida da criança em todos os seus aspectos, haja vista que tal atividade se constitui um momento capaz de proporcionar à criança a construção de sua visão de mundo e das suas relações, facilitando a compreensão das funções sociais. A escola não só pode como deve proporcionar a ludicidade em seu ambiente, estabelecendo um elo entre o mundo imaginário que a criança traz, com o mundo real, sem que com isso perca momentos e fases importantes para sua formação (KAILER; MIZUNUMA, 2009, p. 11).

Uma vez que a brincadeira é um elemento que não serve apenas como distração para criança, mas que também, torna-se um processo relevante para formação dela e na sua construção da visão de mundo. Sendo o lúdico tão importante para a vida infantil deve fazer parte da formação escolar da mesma, o capítulo que segue tratará de como é importante o lúdico na vida escolar da criança.

1.2 A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS NA VIDA ESCOLAR

Estudos têm tratado de quanto o lúdico pode ser uma ferramenta importantíssima para ser utilizada na educação de crianças. O lúdico se desenvolve por meio das brincadeiras e faz com que as crianças comecem a desenvolver habilidades tais como as operatórias em que as mesmas passam a ter noções de espaço, de como se comportar socialmente e a entender as regras da sociedade em que está inserida. Sobre isso Bruner afirma que:

A atividade lúdica se caracteriza por uma articulação muito frouxa entre o fim e os meios. Isso não quer dizer que as crianças não tendam a um objetivo quando jogam e que não executem certos meios para atingi-lo, mas é frequente que modifiquem seus objetivos durante o percurso para se adaptar a novos meios ou vice-versa [...], portanto, o jogo não é somente um meio de exploração, mas também de invenção (BRUNER, apud BROUGÈRE, 1998, p.193).

A expressão lúdico tem sua gênese no latim *ludus* e significa brincar (MASCIOLI, 2008). Nisso subentende-se o envolvimento da criança com objetos que os despertem para a brincadeira, tais como jogos, competições, brinquedos de vários tipos e etc. Esse brincar acaba educando, pois mostra meios de estar com outras crianças e mediante isto, fazê-las ver que o mundo não gira a seu redor. Logo se pode dizer que o jogo, por exemplo, pode exercer uma função educativa, pois possibilita a aprendizagem do sujeito, seu saber, conhecimento e captação de mundo.

Entende-se que no lúdico pode-se ensinar a criança a interagir socialmente e também a entender regras que regem o convívio social. É evidente que não se pode dizer que o brinquedo é o total responsável pela formação da criança nesta fase, porém é um elemento indispensável e necessário na formação cognitiva do mesmo. Para Vygotsky e Leontiev (1998, p. 43):

O brinquedo tem intrínseca relação com o desenvolvimento infantil, especialmente na idade pré-escolar. Embora os autores não o considerem como o único aspecto predominante na infância, é o brinquedo que proporciona o maior avanço na capacidade cognitiva da criança. É por meio do brinquedo que a criança se apropria do mundo real, domina conhecimentos, se relaciona e se integra culturalmente.

Na brincadeira a criança cria um universo só seu em que pode ser quem ela quiser e fazer o que desejar, por que neste mundo só seu ela cria as regras, assim pode ser um herói de TV, um adulto como seus pais, e pode agir de uma forma que nem sempre seus pais permitem, contanto que em quaisquer dos papéis que ela escolher ser, a criança reproduzirá aquilo que vê ao seu redor, o modo como o adulto lhe passa a visão de mundo. É no brinquedo que a criança realiza a sua conduta usual, agindo num nível superior ao que ela realmente se encontra.

Desta forma pode-se afirmar que quando o brinquedo educativo tem fins pedagógicos incentiva a importância desse instrumento para situações de ensino-aprendizagem e de desenvolvimento infantil. Portanto:

Ao permitir a ação intencional (afetiva), a construção de representações mentais (cognição), à manipulação de objetos e o desempenho de ações sensório-motoras (físico) e as trocas nas interações (social), o jogo contempla várias formas de representação da criança ou suas múltiplas inteligências, contribuindo para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil. Quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem surge à dimensão educativa. Desde que mantidas as condições para a expressão do jogo, ou seja, a ação intencional da criança para brincar, o educador está potencializando as situações de aprendizagem. (KISHIMOTO, 2001, p.36).

Desse modo, as situações lúdicas criadas pelo adulto com o objetivo de motivar tipos de aprendizagem, constituem-se uma função educativa, a partir das condições para a expressão do jogo o educador potencializará as situações de aprendizagem.

Desta feita, é teoria correta que as crianças aprendem brincando, assim como também não resta dúvidas de que nessas atividades as crianças aprendem a viver socialmente. Não o importam quais os bens materiais utilizados, se são caros ou baratos, mas o que interessa é que a criança sinta-se livre e disposta a viver a sua imaginação.

Fica esclarecido que usar o lúdico não está condicionado propriamente ao acúmulo de brinquedos e bens materiais, mas a capacidade de proporcionar momentos de brincadeiras e de jogos que possam estimular a imaginação da criança. Assim, o brincar torna-se fator importante e decisivo no desenvolvimento infantil, evidenciando-se como um campo amplo de estudo na área educacional.

O próximo capítulo trará de forma clara a importância da rua como espaço de brincadeiras e a influência que estas têm no desenvolvimento da aprendizagem infantil.

1.3 A RUA COMO ESPAÇO DE BRINCAR: AS BRINCADEIRAS E SUA INFLUÊNCIA NA APRENDIZAGEM INFANTIL

As ruas invariavelmente não são vistas como espaços propriamente adequados para serem local de aprendizagem, as ruas são vistas como locais em que as crianças podem brincar, mas podem também oferecer perigos para as crianças, contudo este espaço tem uma influência enorme na formação da criança, proporcionando aprendizagens e assimilações que muitas vezes nem as crianças, os pais ou família percebem.

A escola na verdade é um espaço da qual a criança dispõe, mas que se encontra limitado e vigiado por muitos olhos que tentam disciplinar e prender as crianças, instituindo-se situações de poder sobre a infância, desta forma a limitação do espaço é uma demonstração de dominação de poder do adulto em detrimento à criança. Segundo Lima (1989, p. 38):

[...] o espaço também é um instrumento de poder e o espaço como prática de dominação dos adultos no espaço escolar: visores nas portas usados pelos adultos para controle e carteiras pregadas ao chão em posição pré-estabelecida. Diante disso, a marcação do território está atrelada ao poder do mais forte, no caso os adultos, e por isso as crianças estão sujeitas a estas ordens, limitando o uso e apropriação dos espaços nas instituições de educação. Neste sentido, [...] o espaço escolar não poderia ser outro: desinteressante, frio, padronizado e padronizador, na forma e na organização das salas, fechando as crianças do mundo, policiando-as, disciplinando-as.

A escola é um espaço de aprendizagem de conteúdos, de disciplinas e de aspectos gerais da vida social, porém a criança necessita de uma aprendizagem também para a vida, precisa ter espaço para se desenvolver e adquirir autonomia e independência.

A rua não pode ser caracterizada como um espaço totalmente mau ou absolutamente inseguro, pensar isso é restringir e tornar este local um estigma quando na verdade Jacobs (2000) defende que é uma fantasia acreditar que os playgrounds são locais naturalmente bons para as crianças e as ruas sejam locais

naturalmente maus para elas. Ele afirma que “as calçadas movimentadas têm também aspectos positivos para a diversão das crianças, e esses aspectos são no mínimo tão importantes quanto à segurança e a proteção (JACOBS, 2000, p. 88)”.

A rua pode ser um espaço educativo de autonomização de socialização da criança, pois entrar no mundo da rua é entrar no mundo dos semelhantes. É com a sociedade infantil da vizinhança, nesse espaço de encontro que as crianças adquirem boa parte de sua aprendizagem sociocognitiva (TASSARA et. al. 2004).

Este espaço pode contribuir para que a criança desapegue-se da proteção dos pais e ganhem autonomia, aprendendo a resolver pequenos problemas sozinhos, isto refletirá na sua vida adulta, pois dará possibilidades para formação de um adulto que sabe ter iniciativa e serem mais ativos no que fazem.

Tassara et al (2004) afirma que a experiência precoce na rua é julgada necessária em algumas culturas como na Argélia por que desenvolve a criança, neste local a criança aprende saberes, práticas, saberes quanto a modos de ser indispensáveis para vida de hoje e de amanhã, incuti-lhe o aprender agindo e o reagir sozinho, a criança aprende a se virar sem o auxílio do adulto, com seus pares, tanto mais velhos quanto menores.

As crianças nas ruas interagem em pares, ou seja, interage com o outro:

Ao observar e interagir com crianças, existe uma “cultura de pares”. A cultura de pares seria, segundo “o conjunto estável de atividade ou rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares”. Neste sentido, as brincadeiras das crianças não se resumem a uma simples questão de imitação; as crianças apreendem criativamente informações do mundo adulto para produzir suas culturas singulares (NASCIMENTO, 2005).

A citação acima revela que as crianças interagem e aprendem e mimetizam o mundo adulto para criar sua própria cultura, neste sentido, a rua oferece essa interação em pares e conseqüentemente auxilia no desenvolvimento da criança.

As crianças precisam de uma boa quantidade de locais para brincar e aprender precisam de oportunidades para praticar todo tipo de esporte, precisam de

um local ao ar livre, perto de casa, ao ar livre, sem um fim específico, onde possam brincar, movimentar-se e adquirir noções do mundo.

Pode-se dizer que na rua a criança aprende a se integrar ao grupo de crianças, interagir e a fazer como os outros aprendendo por imitação interativa com os mais velhos, seus pares, seus semelhantes, este espaço se configura como a disposição sociocultural variável segundo os sítios e que orienta de modo coerente o crescimento do organismo da criança em um sentido determinado (TASSARA, 2004).

Isso ocorre porque a rua propicia uma recreação informal, propiciada pelas calçadas movimentadas da cidade, desprezar este espaço pode ser visto como uma tomada de espaço para que a criança tenha não somente uma oportunidade de brincar, mas de crescer brincando, e neste processo de se tornar um adulto que sabe interagir em seu meio e com as pessoas de seu meio.

1.4 TEÓRICOS DA APRENDIZAGEM PELO LÚDICO: WALLON E VYGOTSKY

O lúdico faz parte da infância e compõe o desenvolvimento da criança, alguns teóricos se ocuparam de abordar a aprendizagem através do lúdico entre eles estão Wallon e Vygotsky.

Henri Wallon (1879- 1962) “foi um médico francês que trabalhou durante anos com a evolução psicológica da criança de modo que seus trabalhos mantiveram uma relação próxima com as questões educacionais em toda a sua trajetória profissional” (CARVALHO, 2002, p.23).

A concepção walloniana, parte do princípio de que o psiquismo humano foi e é produzido historicamente pelos próprios homens no interior das afinidades que estabelecem entre si e com a natureza. É no materialismo dialético que Wallon encontra o suporte necessário para desenvolver sua psicologia. Para ele, a dialética marxista dá à psicologia o seu equilíbrio e a sua significação, que subtrai à alternativa dum materialismo elementar ou dum idealismo oco, dum substancialismo grosseiro ou dum irracionalismo sem horizontes (TEIXEIRA, 2003).

Wallon acredita que o psiquismo tem as suas especificidades, apesar de não trocar a realidade das coisas. Desta maneira, essa postulação diz que a disparidade do real com todas as suas contradições, porque justamente elas – as contradições – são elementos de explicação do real. Isso significa que a realidade em geral e a do psiquismo em particular são o que são justamente por causas das contradições (TEIXEIRA, 2003).

Levando essas postulações para campo educacional, Wallon afirmava que a criança responde às impressões que as coisas lhe causam com gestos dirigidos a elas, assim Wallon foi o primeiro a considerar a criança como um todo e não apenas como um adulto pequeno, mas também suas emoções e levou suas postulações para o meio educacional.

Ele foi o primeiro a levar para a sala de aula a ideia de que a escola deve harmonizar a formação integral, ou seja, desenvolver o aspecto intelectual, afetivo e também social, Suas ideias foram alicerçadas em quatro elementos básicos que se comunicam o tempo todo: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa, segundo este teórico a reprovação de uma criança significa expulsar, negar, excluir. Ou seja, "a própria negação do ensino (WALLON, [sd])".

Para este teórico as emoções têm função importante para o crescimento da pessoa. É por meio delas que o aluno exterioriza seus desejos e suas vontades. Em síntese são demonstrações que apregoam um mundo importante e compreensível, mas pouco incitado pelos modelos tradicionais de ensino (GALVÃO, 1999).

Já o teórico Vygotsky (1896-1934) tem suas postulações pautadas nos materialistas predominantes na União Soviética pós-revolução de 1917, e entre suas ideias está a ideia de que o ser humano constitui-se enquanto tal na sua relação com o outro social. A cultura torna-se parte da natureza humana num processo histórico que, ao longo do desenvolvimento da espécie e do indivíduo, molda o funcionamento psicológico do homem (NASCIMENTO, PRATTI, 2011).

Vygotsky (2007) entende que o brincar é uma ação inventiva, em que a fantasia, e o real interatuam no cultivo de novas condições de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir

relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos. Segundo Barros e Pinheiro (2012, p. 4) a ideia de Vygotsky afirma que:

Desenvolver-se implica, portanto, ampliar possibilidades de se relacionar com o meio, tendo a cultura como principal ferramenta de que o sujeito dispõe para lidar com a realidade que o cerca e com as relações que estabelece. Com base nessa perspectiva, assume-se, aqui, que a idéia de desenvolvimento não indica um caminho predeterminado rumo a um fim previamente estabelecido. Não se intenta, por exemplo, discutir o desenrolar de processos cognitivos, assumindo que esses surgem num estágio menos evoluído, caminhando em direção a sua plenitude na idade adulta, ou mesmo processos maturacionais do organismo e sua repercussão para a adaptação do sujeito.

A citação acima nos permite ver que para este teórico o desenvolvimento infantil não possui um destino pré-estabelecido, mas que a criança precisa do lúdico para desenvolver-se, pois é a brincadeira que permite o entrecruzar entre a realidade e fantasia que produzirão o desenvolvimento cognitivo da criança.

Segundo Vygotsky (2007) é um erro tentar teorizar sobre o desenvolvimento humano baseando-se numa teoria mecanicista que separa o corpo das emoções, ele diz que:

Quando o pensamento é separado do afeto desde o início, fecha definitivamente a possibilidade de explicar as causas do pensamento, porque na análise determinista pressupõe descobrir seus motivos, os interesses e as necessidades, as tendências e os impulsos que dão sentido ao movimento do pensamento em ambos os sentidos. De modo igual, quem separa afeto do pensamento, nega a possibilidade de verificar a influência inversa do pensamento afetivo, volitivo da vida psíquica, porque uma avaliação e determinista desta incluem tanto adicionar ao pensamento um poder fantástico e capaz de fazer depender, um comportamento exclusivamente humano de um sistema do indivíduo, como transforma o pensamento em um apêndice inútil do comportamento em uma sombra sua desnecessária e impotente.

O que fica evidente nas postulações vygotskynianas é que tratar do pensamento humano sem considerar os sentimentos é como esvaziar a significação humana, desta maneira ao analisar a infância o mesmo afirma que a criança precisa sentir sua infância, precisa brincar e sentir as emoções e relações que são propiciadas por este ato.

Nascimento e Pratti (2011) consideram que as concepções de Vygotsky compreendem que, se por um lado a criança reporta e concebe o mundo através das situações criadas nas brincadeiras, em contrapartida, essa reprodução não acontece passivamente, mas por meio de um procedimento funcional de reinterpretção do mundo, que cria lugar para a criação e a produção de novos significados, saberes e práticas.

Assim, na educação as concepções deste autor contribuíram para o entendimento de que a criança ao brincar e jogar se compreende tanto com a brincadeira, que coloca na ação seu sentimento e emoção. Pode-se dizer que o lúdico funciona como um caminho agregador entre as características motoras, cognitivas, afetivas e sociais, assim sendo, é através do brincar que se amplia a facilidade para a aprendizagem, o desenvolvimento social, cultural e pessoal e contribui para uma vida saudável, física e mental.

Os pontos que se tornam comuns entre as postulações de Wallon e Vygotsky é que ambos veem nas emoções um eixo para compreender a mente humana e que o desenvolvimento das crianças se dá através das trocas sociais, em outras palavras é por meio da interação com o meio que a criança vai se desenvolvendo, paralelamente esse desenvolvimento se reflete nos estágios educativos à qual irá ser submetida. Desta feita, se a criança não interagir com o meio em que está inserida, o seu desenvolvimento ficará defasado devido ao surgimento de situações impróprias ao aprendizado.

CAPÍTULO II

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para melhor entendimento da pesquisa faz-se necessário especificar quais os passos que foram seguidos para esta ser realizada, os tópicos que seguem se ocupam de apresentar o espaço onde foi realizado o trabalho, o método escolhido e qual o tratamento aplicado aos dados coletados.

2.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa aqui realizada é qualitativa que segundo Gil (2010) envolve diversas técnicas interpretativas que objetivam a descrição e a decodificação dos componentes de um sistema complicado de significados e exprimi o significado dos fenômenos sociais.

Além do que esse trabalho pode ser caracterizado como descritivo e transversal. De acordo com Gil (2010), estudos transversais são investigações que produzem resultados instantâneos da situação de uma população com base na avaliação do estado de cada um dos membros, e daí produzindo indicadores globais para a amostra.

Estudos descritivos têm como objetivo principal descrever as características de determinada população ou fatos e fenômenos de determinada realidade. Este tipo de estudo promove um delineamento da realidade já que esta descreve, registra, analisa e interpreta a natureza atual ou os processos dos fatos (GIL, 2010).

2.2 LOCAL E POPULAÇÃO DE COLETA

A pesquisa foi realizada no período entre setembro e dezembro de 2014, na cidade de Monsenhor Hipólito, no Estado do Piauí. Localiza-se no Nordeste do

Brasil, possui uma população estimada de 7.014 habitantes em dados de 2010 e uma área total de 375,39 km² (BRASIL, 2010).

Esta cidade foi escolhida pelo fato da pesquisadora residir no local, bem como por ser uma cidade que nos últimos anos tem recebido destaque na mídia nacional devido aos prêmios educacionais recebidos em níveis estaduais e nacionais, em que os alunos da rede pública vêm conseguindo se destacar.

O *lócus* específico da coleta de dados foi a Travessa 15 de Novembro, situada no Bairro Centro, em Monsenhor Hipólito. Ali foram entrevistadas quinze mães moradoras do bairro que têm filhos pequenos, com idades entre dois e doze anos de idade. A pesquisa foi realizada neste bairro por ser referência na cidade e pela movimentação, assim queria saber nesta rua tão agitada como as mães veem as brincadeiras nas ruas. Optamos por entrevistar as mães pelo fato destas, geralmente, serem as responsáveis por olharem e cuidarem dos filhos nesta idade.

Não foi necessário fazer mais entrevistas com outras mães por que as respostas se repetiam e na pesquisa qualitativa não existe um número mínimo ou máximo de sujeitos, mas quando as respostas se repetem percebe-se que não é preciso continuar a coleta de dados.

Ilustração 01 – Vista da rua pesquisada



Fonte: Própria autora

2.3 COLETA E TRATAMENTO DE DADOS

A coleta de dados deste trabalho ocorreu mediante a aplicação de um questionário, durante incursões ao local, a participação das entrevistadas se deu de forma anônima.

O instrumento de coleta foi um questionário composto por seis questões dissertativas (Apêndice A) que tratavam sobre os horários que as crianças brincam na rua, com quem interagem, se há monitoração por parte dos pais e se há limites para que as crianças possam brincar, a fim de compreender o que os pais pensam quanto às brincadeiras nas ruas.

Os dados obtidos foram analisados e interpretados em um contexto qualitativo, expresso mediante representação e transcrição das respostas dos mesmos que estão apresentados em uma tabela e em gráficos seguidos de análises subsidiadas pelo referencial teórico relacionado à área de estudo, exposto anteriormente.

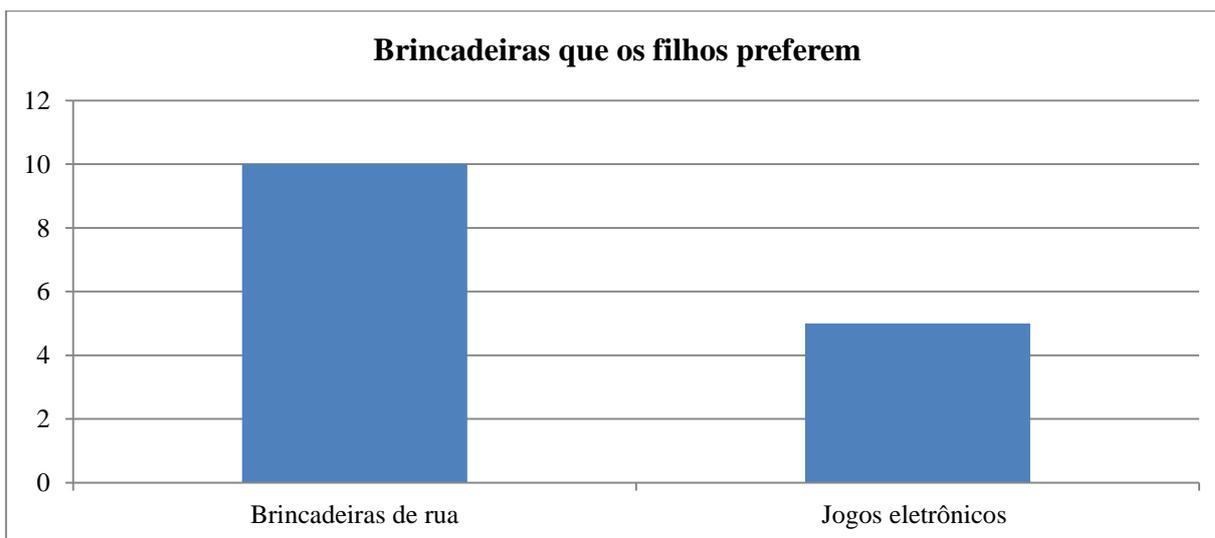
Vale ressaltar que os participantes contribuíram para o estreitamento dos vínculos, traduzindo-se numa postura de confiança e envolvimento com a pesquisa. As informações adquiridas foram de grande importância para o desenvolvimento do trabalho. Por uma questão de preservação de identidade, nos resultados aqui apresentados, as participantes serão reconhecidas por siglas tais como M1 (mãe 1) M2 (mãe 2) e assim sucessivamente. As observações ocorreram nos fins de tardes durante três semanas consecutivas e a aproximação da pesquisadora com as mães foi boa, à medida que se explicava o objetivo da pesquisa, as mães não se opuseram em ser observadas e em alguns casos encontravam-se juntas cuidando dos filhos ao passo que conversavam e relatavam suas experiências entre si.

CAPÍTULO III

ANÁLISES E RESULTADOS

Nesta pesquisa entrevistamos as mães a fim de averiguar como as mesmas percebem e consideram a importância das crianças se manterem brincando nas ruas, nesta perspectiva e tendo em vista que a globalização e o desenvolvimento tecnológico apresentam para infância um enorme gama de possibilidades de brincar sem sair de casa é que questionamos as mães sobre qual tipo de brincadeira as crianças preferem: se as brincadeiras de rua ou jogos eletrônicos, as respostas estão organizadas no gráfico 01:

Ilustração 02: Gráfico das brincadeiras que as crianças mais gostam.



Fonte: Própria autora.

O gráfico 01 demonstra que a maioria das mães afirma que seus filhos preferem as brincadeiras de rua, apenas cinco delas disseram que seus filhos preferem jogos eletrônicos. É interessante notar que na cidade as crianças ainda mantêm o hábito de brincar nas ruas, costume esse que vem se perdendo na atualidade, perdendo espaço para os jogos eletrônicos e pelas tecnologias que acabam prendendo as crianças em suas casas. Vale ressaltar que o fato da cidade ser pequena, com espaços e pessoas conhecidas, torna mais viável que as crianças

ainda possam sair para brincar nas ruas, o que às vezes se torna difícil mesmo nos bairros das cidades maiores.

É de suma importância que a criança se movimente e que interaja com o espaço para que possa se desenvolver. Manter as crianças apenas em locais fechados acaba tornando a criança irritável e tendenciosa ao sedentarismo.

Oliveira (2004, p.4) corrobora com esta realidade ao dizer que:

Assistindo à televisão ou utilizando o computador, a criança não partilha suas emoções e não explora suas possibilidades; são situações, espaços, tempos diversos da vida real em que trabalha pouco a criatividade, porque tudo já vem pronto. A criança em desenvolvimento necessita do exercício de todos os seus aparelhos sensoriais e motores e de espaço para brincar e pôr em movimento todos os músculos do corpo numa desordem útil, que a ginástica e o esporte não suprem.

Como pode ser observado, as mães de Monsenhor Hipólito (MH) relatam o quanto seus filhos preferem ainda as brincadeiras de rua, nesta perspectiva as mães foram indagadas sobre o que achavam das brincadeiras de rua e do filho gostarem de brincar neste lugar, abaixo se tem um quadro que elenca as respostas mais parecidas dos participantes das pesquisas.

Ilustração 03: Quadro sobre a opinião das mães quanto aos filhos brincarem nas ruas.

Quantidades de mães que deram respostas similares	Que você acha das brincadeiras de rua? E do seu filho brincar na rua?
1	É importante para a aprendizagem da criança.
4	É importante para a interação das crianças com os outros;
4	Eu não gosto que eles brinquem na rua, devido aos perigos ;
1	Acho excelente, fico observando o tempo que está brincando e percebo que o deixa muito feliz brincar com os amiguinhos fora da sala de aula (mais aprendizado e

	interação com os colegas);
2	As brincadeiras na rua são boas para meu filho aprender a interagir com os colegas ; Acho tranquilo, pois sempre estou por perto;
1	São importantes para as crianças. Não deixo meus filhos brincarem tanto na rua por medo de acidentes ;
2	Acho importante e necessário para o crescimento das crianças, pois através das brincadeiras elas interagem . Deixo e incentivo ele a brincar na rua da nossa casa;

Fonte: Própria autora.

De acordo com o quadro pode-se sintetizar que, para boa parte das mães, as brincadeiras nas ruas permitem que seus filhos interajam, brinquem e sejam felizes. Nas respostas acima, fica evidente que estas mães têm a preocupação de estar por perto, monitorando as brincadeiras e, algumas delas, até incentivam que seus filhos brinquem na rua.

As respostas dos participantes demonstram que os mesmos compreendem o brincar na rua como uma atividade que proporciona o desenvolvimento de seus filhos e que favorece a interação deles com outras crianças. Apontam também as aprendizagens que este tipo de atividade favorece.

Em trabalhos realizados por Oliveira (2004, p. 3) os resultados corroboram com as posições dessas mães, ao afirmar que “o mundo da fantasia proporciona à criança habilidades para vivenciar, criar e recriar cenas vividas no seu cotidiano e que irão dar alternativas e possibilidades para que venham a entender o mundo ao qual fazem parte”. Afirma ainda que:

Percebe-se que ambientes que permitam a liberdade das crianças brincarem deve ser utilizado, auxiliando no momento da educação infantil, fase em que as crianças estão sendo preparadas e estimuladas para um desenvolvimento futuro, propiciando por meio das brincadeiras momentos lúdicos no desenvolvimento de inúmeros aspectos como, por exemplo, o

raciocínio lógico para a matemática, coordenação motora para a escrita, noção de espaço e tempo para história e geografia (OLIVEIRA, 2004.p.4).

Segundo Tassara (2004), nas ruas as crianças podem estar em contato com todas as gerações, com crianças de todas as idades, adolescentes, adultos, pessoas de terceira idade, ou seja, cria-se um microcosmo da sociedade global, pois ele se oferece para ser visto, descoberto e conhecido para interagir com ele e para se socializar com ele.

Contudo, vale abrir um parêntese ainda para as informações do quadro 01, pois algumas mães (4) afirmam que não gostam que seus filhos brinquem nas ruas devido à violência e uma admite que deixa mas não muito por conta dos perigos relacionados aos acidentes de trânsito. Esse argumento é compreensível pelo fato de que muitas cidades não se preocupam em deixar espaços para que as crianças possam desfrutar na sua hora de lazer, do convívio com a diversidade social que a rua oferece. Com o aumento da violência urbana (pessoa física e no trânsito) e sendo a infância uma idade frágil, isso acaba fazendo com que alguns pais fiquem temerosos em deixar suas crianças brincarem na rua. Oliveira (2004, p.1) fala de como alguns pais veem na rua um lugar de perigo para as crianças:

O aumento da violência, os perigos do trânsito e a falta de espaços adequados nas cidades, principalmente em metrópoles como São Paulo, fazem com que os pais evitem que seus filhos se relacionem com o ambiente urbano. Com isso, o convívio social e as brincadeiras infantis migram das ruas para os locais privados, como os condomínios fechados.

Contudo, em Monsenhor Hipólito a violência ainda não é tão acentuada quanto à de grandes cidades, as crianças ainda têm liberdade de correr nas ruas e sentar nas calçadas sem correr o risco de serem prejudicadas ou violadas de alguma forma, a cidade tem seus problemas, mas de um modo geral, mostra-se pacata e calma.

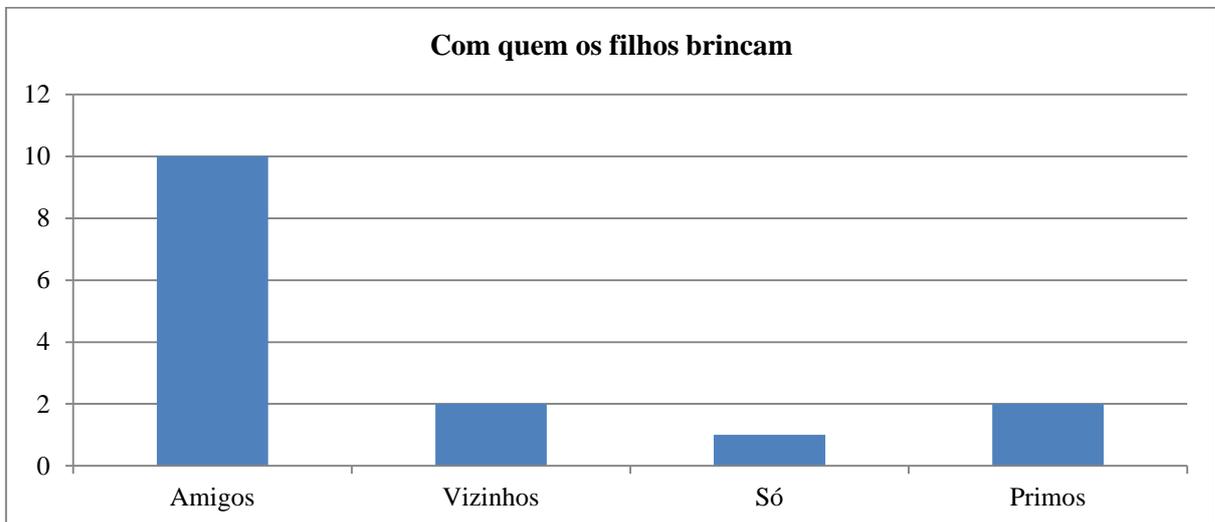
O fato de ser cada vez mais forte a violência e o perigo nas ruas das grandes cidades faz com que seja necessário que as cidades planejem uma boa quantidade de locais onde as crianças possam brincar e aprender. São necessários,

entre outras coisas, espaços para a prática de todo tipo de esportes e exercício da destreza física que será benéfica tanto para saúde física quanto psicológica.

Como se percebe, apesar de algumas mães verem a violência como um empecilho para deixar seus filhos brincarem nas ruas, uma boa parte vê este espaço como propício às brincadeiras.

As mães também foram inquiridas sobre com quem seus filhos brincam frequentemente, como expõe o gráfico 02:

Ilustração 04: Gráfico com as respostas das mães quanto às companhias de seus filhos para brincarem nas ruas.



Fonte: Própria autora

Muitas mães (10) afirmam que seus filhos brincam com os amigos, seguido dos vizinhos (2) e dos primos (2), geralmente brincam de correr, pular corda ou de futebol. Apenas uma mãe afirma que seu filho brinca só e geralmente com jogos eletrônicos. A solidão pode não ser uma boa característica para a infância, já que as crianças precisam interagir com outras crianças para que possam aprender a viver socialmente.

É imprescindível que as crianças tenham amizades, que corram e que se divirtam. Vygotsky (1984 apud ALVES; GNOATO, 2003, p.2) enxerga nas brincadeiras em grupo uma contribuição para o desenvolvimento da criança, pela "(...) presença de regras na brincadeira: qualquer forma de brinquedo imaginativo

contém regras *a priori*, embora não seja uma situação de jogo com regras formais estabelecidas”. É importante que as crianças tenham contato com normas para que saibam que as coisas não podem ser sempre do jeito que desejam e que na sociedade é preciso obedecer alguns preceitos para se manter o princípio da convivência e do respeito ao próximo.

Apesar das respostas das mães serem bastante simplistas e baseadas no conhecimento empírico, é perceptível e evidente que entre todas as vantagens que a brincadeira com os colegas proporciona a seus filhos, as mães apontam como maior vantagem nas brincadeiras de rua a promoção da socialização das crianças.

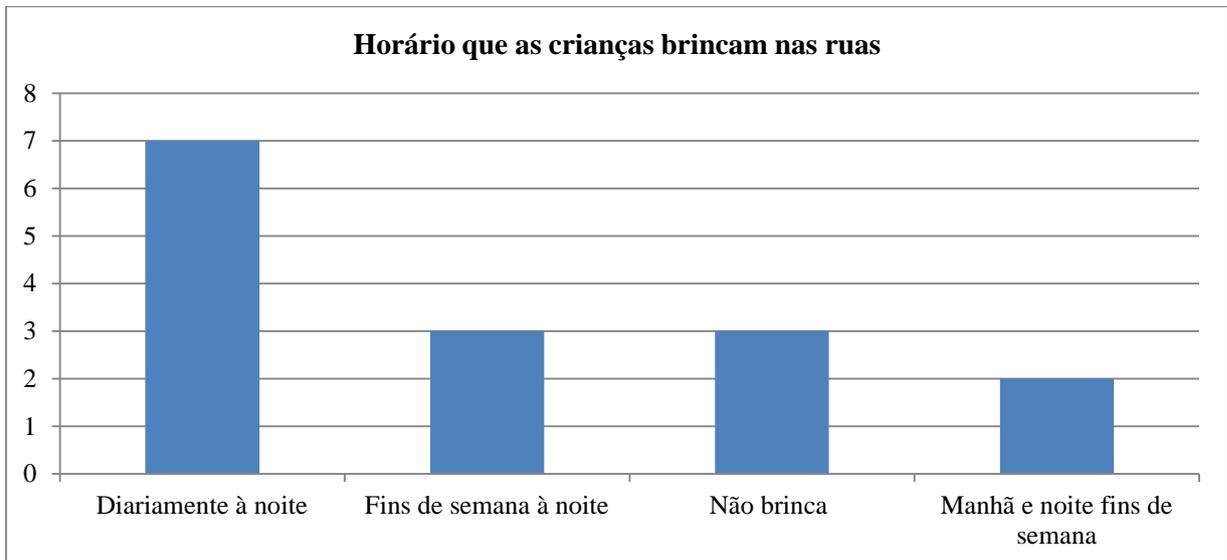
Segundo Friedman (1992) é oportuno destacar que o brincar possibilita e auxilia no desenvolvimento físico, afetivo, intelectual e social das crianças. A brincadeira permite além da socialização, quebrar a solidificação de características como o egocentrismo. Para Piaget (1975, p. 45):

Quanto mais nova a criança, mais individual e egocêntrica é a sua brincadeira. O fato da criança ser considerada por Piaget como egocêntrica, não significa uma hipertrofia da consciência do eu, mas simplesmente uma incapacidade momentânea da criança de descentrar-se, isto é, colocar-se em outro ponto de vista que não o próprio.

Sendo assim, quando a criança entra em contato com outras e aprende a compartilhar e viver em grupo, ela acaba assimilando regras de convivência e dirimindo características como o egoísmo.

Quanto ao horário e aos dias que as crianças podem brincar nas ruas as mães afirmaram que existe certa frequência como pode ser visto na tabela 03:

Ilustração 05: Gráfico das respostas das mães quanto aos horários que deixam seus filhos brincarem nas ruas.



Fonte: Própria autora

O gráfico mostra que a maioria das mães (7) permitem que seus filhos brinquem diariamente no período da noite nas ruas, um número significativo delas diz que só permitem que seus filhos brinquem nas ruas nos fins de semana à noite (3), outras três afirmam que não deixam seus filhos brincarem nas ruas e duas delas dizem que permite nos fins de semana pela manhã, à tarde ou noite.

Como poder ser visto o horário preferido para que as mães deixem os filhos brincarem na rua é à noite, este fator pode estar relacionado ao fato de que na atualidade muitos pais trabalham o dia todo e somente à noite estão em casa e por isso podem observar seus filhos em suas brincadeiras, outro motivo inferido para estes horários diz respeito à diminuição do movimento de automóveis nas ruas o que tornam mais seguras as brincadeiras.

Porém, a frequência com que permitem a brincadeira na rua é alta. As mães autorizam que seus filhos brinquem quase todos os dias nas ruas, fator que reforça a crença, já expressa, de que brincar na rua pode ser benéfico para seus filhos, uma vez que os mesmos podem liberar sua energia e manter relações com outras crianças, o que vai aos poucos, conferindo-lhes também uma autonomia e

independência que vão sendo conseguidas, proporcionalmente, ao seu crescimento e possibilidades.

Segundo Jacobs (2000) as calçadas propiciam uma recreação informal e desprezar essas calçadas cheias de vidas configura-se como uma leviandade do ponto de vista social, pois, a criança precisa interagir também com os adultos das calçadas, por que é com eles que as crianças aprendem o princípio fundamental de uma vida urbana.

Os participantes, até este questionamento, demonstram reconhecer e entender a importância do brincar na formação da criança e fazem um elo destas atividades com a aprendizagem das crianças que segundo as mesmas são facilitadas a partir do uso de jogos e atividades lúdicas. Kishimoto (2001, p. 52) corrobora esta afirmação ao dizer que:

O brincar infantil não é apenas uma brincadeira superficial desprezível, pois no verdadeiro e profundo brincar, acordam e avivam forças da fantasia, que, por sua vez, chegam a ter uma ação plasmadora sobre o cérebro e, portanto, é indispensável à aprendizagem.

Sendo assim, compreende-se que o brincar traz efeitos muito importantes para a aprendizagem infantil, capazes de transformar o que elas veem como fantasia na base para construir o conhecimento sobre o mundo a sua volta. É o aprender por meio do prazer que fará com que a criança internalize suas novas experiências. Fantacholi (2012, p. 9) diz que:

Quanto mais a criança mergulha, mais estará exercitando sua capacidade de concentrar a atenção de descobrir, de criar e, especialmente de permanecer em atividade. É a aprendizagem pelo sentir, e não para obter determinado resultado ou para possuir alguma coisa.

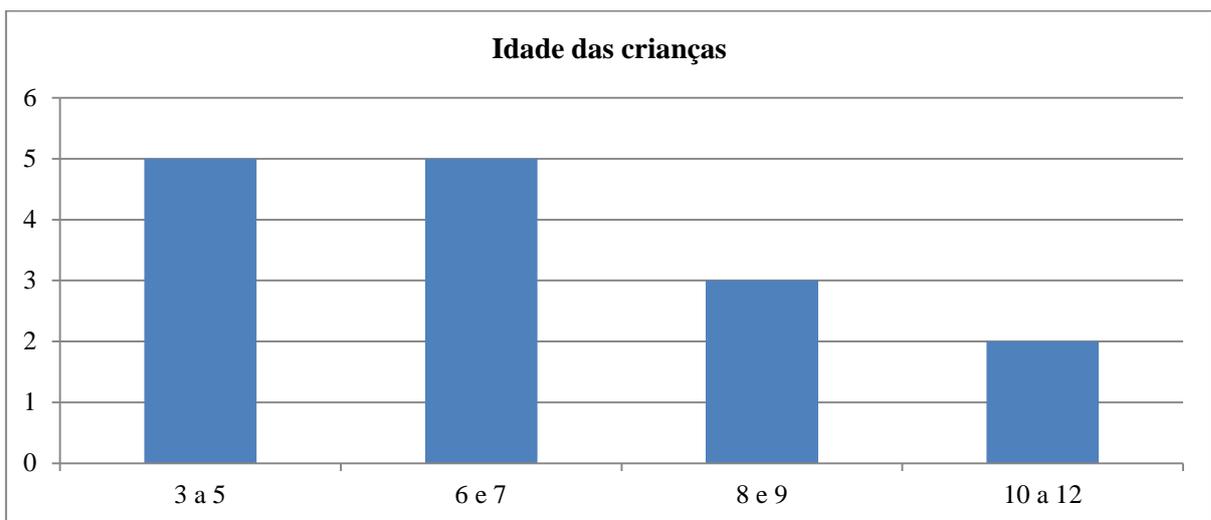
Oliveira (2004, p. 13) fala de como é importante para o desenvolvimento da criança o brincar em novos espaços e ter liberdade de explorar a rua em que moram:

É no dia-a-dia, experimentando o espaço no tempo, que a criança vai trabalhando seu corpo e sua mente. A necessidade de movimento é absolutamente fundamental, sua aprendizagem envolve força muscular, equilíbrio, agilidade, resistência, ritmo e sentimentos, como afetividade, medo, espanto. A criança em desenvolvimento necessita de movimento, de ação, de gritos, do exercício de todos os seus aparelhos sensoriais e motores. Toda frustração de suas necessidades se traduz em fadiga, irritação e agressividade, entre outras.

Assim, pode-se dizer que ao deixar seus filhos brincarem as mães investigadas estão contribuindo para que eles se desenvolvam, que tenham uma aprendizagem proporcionado pelo sentir, pelas experiências que vão ganhando significação e sentido na vida pueril.

Quanto à faixa etária dos filhos dos entrevistados a idade oscila entre três a doze anos como está exposto no gráfico 04.

Ilustração 06: Gráfico da idade dos filhos das entrevistadas.

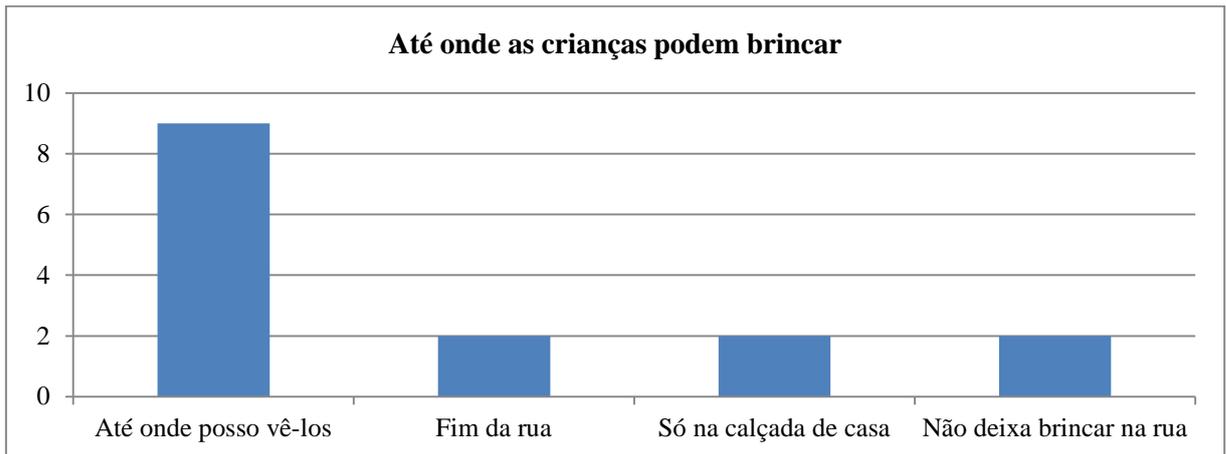


Fonte: Própria autora

Como pode ser observado a maior parte das crianças (5) estão entre 3 e 5 anos de idade, seguidos dos que estão entre 6 e 7 anos (6), três delas estão com idade entre 8 e 9 anos e o menor número de crianças têm entre 10 e 12 anos. Essas idades são bastante mescladas e envolvem características heterogêneas, porém, a interação entre estas diferentes idades é o que permite a troca de diferentes experiências que não podem ser vividas no ambiente da sala de aula, por exemplo.

Quanto aos limites espaciais que as mães impõem a seus filhos para brincarem nas ruas, as mesmas são consoantes em manter os filhos sob seus olhares e para isto as brincadeiras de rua ficam limitadas muitas vezes a sua própria rua como ilustra o gráfico 05.

Ilustração 07: Gráfico das respostas das mães sobre até aonde os filhos podem brincar nas ruas



Fonte: Própria autora

No gráfico cinco, nove mães dizem que seus filhos só podem brincar até onde possam vê-los, duas dizem que só podem ir até o fim da rua, outras duas só deixam seus filhos brincarem nas calçadas e duas delas não deixam seus filhos brincar nas ruas.

Fica evidente a preocupação das mães em monitorar seus filhos e impor limites de até onde eles possam ir, desta maneira eles podem observar se os filhos estão tendo brincadeiras saudáveis e que não venham a prejudicá-los. Como também se certificar que em caso de algum perigo estejam próximas para ajudá-los. Vale ressaltar que devido a pouca idade das crianças as mães têm maiores cuidados, pois ainda são muito pequenas para irem a lugares mais distantes do que vista delas possa alcançar. Segundo Oliveira (2004, p. 4):

A rua é um espaço que se abre ao firmamento, dá o sentido de liberdade, de movimento, de ação e de transformação, 'o céu em permanente mudança'. Como nos diz Santos e Vogel¹, a riqueza das experiências

¹SANTOS, Carlos Nelson Ferreira; VOGEL, Arno. Quando a Rua Vira Casa. Rio de Janeiro: FINEP/Ibam, 1981.

possíveis numa rua não pode ser mimetizada por nenhuma instituição pedagógica, inclusive pela forma de apreensão não analítica, através da qual a diversidade social pode ser vista, percebida e compreendida. A rua é, mesmo, um microcosmo real. É o elemento estruturador da cidade, muitos olhos podem garantir sua segurança; eles asseguram que nada passa despercebido.

A leitura que podemos fazer da citação acima é que a rua proporciona um aprendizado que só pode ser encontrado nela e que lá as pessoas podem olhar e fiscalizar os acontecimentos sem que com isso seja tomada a liberdade da criança.

As ruas proporcionam uma experiência com o lúdico capaz de incentivar a criança a potencializar o seu convívio em sociedade, influencia tanto nos aspectos físicos, psicológicos e sociais das crianças, pois deixa espaço para que ela por meio das ações aprenda a si conhecer e a lidar com o próximo.

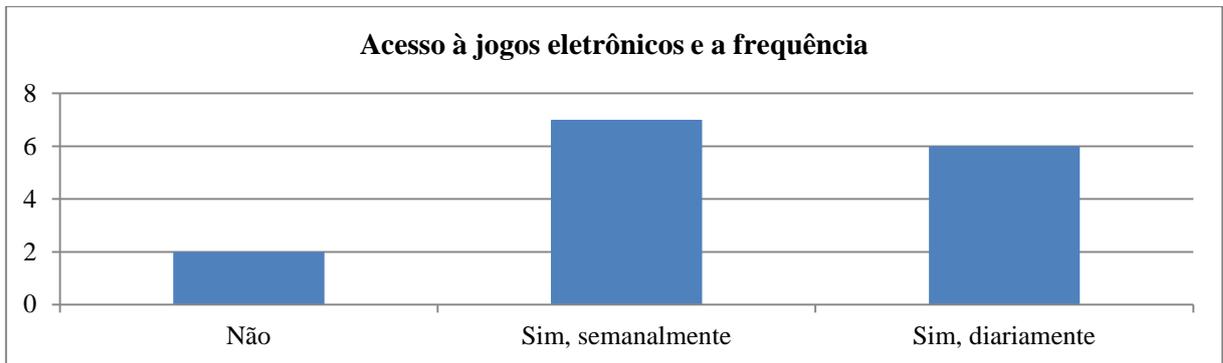
As atividades lúdicas criam momentos de aprendizagem cooperativa e interacional, em outras palavras, ao jogar, por exemplo, a criança está praticando regras do jogo e simultaneamente, desenvolvendo ações de cooperação e interação que incitam a convivência em grupo.

Assim, permitir que os filhos desfrutem dos jogos e do brincar é meio de permiti-lo crescer num ambiente sem restrições, sem que o egoísmo permeie a formação da personalidade da criança, é também criar possibilidades para que estas crianças saibam resolver situações-problemas que estejam em sua alçada de modo que não precisaram correr sempre para as barras da saia da mãe.

Isso acontece porque a diversão em calçadas movimentadas e diversificadas difere de praticamente todos os outros tipos de lazer de que as crianças dispõem, pois é uma recreação que não se encontra sobre as regras do patriarcado (JACOBS, 2000). Neste caso, na rua a criança não precisa obedecer ou fazer o que as mães lhes impõe na hora da brincadeira, haja vista que as mães estabelecem limites tais como local e hora das brincadeiras.

Por fim, as mães foram questionadas sobre com que frequência deixam seus filhos terem acesso a jogos eletrônicos. As respostas que estão elencadas no gráfico 06

Ilustração 08: Gráfico das respostas das mães sobre a frequência com que os filhos utilizam jogos eletrônicos.



Fonte: Própria autora.

Acima se observa que sete das mães afirmam que seus filhos usam jogos eletrônicos semanalmente, seis delas dizem que os filhos têm acesso a esses jogos diariamente, e apenas duas dizem que seus filhos não usam esse tipo de jogos.

O resultado acima só reafirma a crescente universalização da tecnologia em que a maioria das crianças conhece e têm acesso a jogos eletrônicos, contudo a maioria das mães de Monsenhor Hipólito entrevistadas tenta limitar esse acesso a jogos eletrônicos, pois acreditam que brincar em grupo e a relação pessoal ainda podem proporcionar melhores experiências para seus filhos.

Afinal, as crianças ainda encontram no brincar em grupo, nas ruas, nas calçadas a oportunidade da brincadeira como algo importante que desperta sorrisos, conversas ou até mesmo brigas, mas que ao final geram aprendizagem social, cognitiva e afetiva. Um momento importante de desenvolvimento já que para elas também, o tempo de brincar é curto e precioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar a importância de manter o lúdico nas ruas de Monsenhor Hipólito foi um desafio que instigou a conhecer não somente aquelas ruas, mas outras, para ver se nas outras as crianças ainda gostavam de brincar.

Numa época em que as crianças se prendem a televisões, vídeos-game, computadores e diversas outras tecnologias, saber brincar tem se tornado também uma necessidade a ser mantida, principalmente, saber brincar sentindo o espaço ao redor, as pessoas, criando novos laços e vivendo experiências que não podem ser vividas na escola ou em casa com os meios eletrônicos.

Ao término desta pesquisa percebemos que em Monsenhor Hipólito ainda existe o hábito das crianças correrem desenfreadamente nas ruas de seu bairro, de terem grupinhos e brincarem ao ar livre, essa realidade é apoiada pelos pais que ainda veem nas brincadeiras de rua a melhor alternativa para seus filhos, pois estes acreditam que as brincadeiras de rua podem oportunizar o crescimento, o desenvolvimento interacional, social e cognitivo de seus filhos.

É relevante constatar que no século das comunicações virtuais, numa cidadezinha interiorana no Piauí, ainda se matem uma cultura, uma tradição que ainda não perdeu para os *games* e que é vista pelos pais como uma oportunidade não apenas do filho estar exposto ao perigo, mas de aprender com ele e acima de tudo de viver experiências com outras crianças, em que o contato humano é priorizado e valorizado.

Percebe-se que em Monsenhor Hipólito os pais reconhecem a importância de seus filhos brincarem nas ruas e sabem que este ambiente pode oferecer uma oportunidade diferenciada de aprendizagem que não é formal, mas que nem por isso é menos importante, pois ensinam seus filhos a interagirem com um meio que só se pode conhecer fora das paredes das escolas, das casas ou de qualquer outro ambiente protegido.

Acredita-se que este trabalho pode contribuir para o aprofundamento acerca dessa temática, enriquecendo a pesquisa acadêmica da microrregião de Picos e que

servirá para nortear famílias, escolas e sociedade a depreenderem que a criança precisa de liberdade, sentir o vento no rosto, o sangue quente depois das corridas, das discussões com os colegas, precisa antes de tudo ser humanas e desapegar-se da *maquinização* que vem acometendo a sociedade do século das comunicações e da tecnologia.

REFERÊNCIAS

ALVES, Álvaro M. P; GNOATO, G. O brincar e a cultura: jogos e brincadeiras na cidade de Morretes na década de 1960. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 1, p. 111-117, jan./jun. 2003.

BARROS, João Paulo Pereira Barros; PINHEIRO, Francisco Pablo Huascar Aragão. Brincadeira e educação: considerações a partir da perspectiva histórico-cultural. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 3 n. 1, p. 68-79, jan./jun. 2012.

BRASIL, Estatuto da Criança e do Adolescente. (1990). **Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8060, de 13 de julho de 1990. Brasília - DF.

BRASIL, IBGE (10 out. 2002). **Área territorial oficial. Resolução da Presidência do IBGE de nº 5 (R. PR-5/02)**. Disponível em: www.ibge.gov.br. Visitado em 5 dez. 2014.

BRASIL. Censo Populacional 2010. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 201 de nov. de 2014.

BROUGÈRE, G. **Jogo e educação**. Tradução Patrícia Chittoni Ramos> Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

CARVALHO, Diana Carvalho de. A psicologia frente à educação e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 51-60, jan./jun. 2002.

FANTACHOLI, F. das N. O brincar na educação infantil: jogos, brinquedos e brincadeiras - um olhar psicopedagógico. **Revista Científica Aprender**, 5. ed. dez. 2011. Disponível em: <<http://revista.fundacaoaprender.org.br/index.php?id=148>>. Acesso em: 02 de dezembro de 2014.

FRIEDMANN, A. *et al.* **O direito de brincar**: a brinquedoteca. 2. ed. São Paulo: Scrita: ABRINQ, 1992.

GALVÃO, I. **Henri Wallon**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184p.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KAILER, P. G. L.; MIZUNUMA, S. **As contribuições dos brinquedistas hospitalares nas concepções dos profissionais de saúde**. In: IX Congresso Nacional de Educação/EDUCERE e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, PUCPR, Outubro de 2011. Disponível em <
http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2739_1673.pdf >
Acesso em 30 de nov de 2014.

KISHIMOTO, T.M. O jogo e a Educação Infantil. In: KISHIMOTO, T.M. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. 5. ed. São Paulo: Cortez. 2001, p. 12-40.

LEONTIEV, A.N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VYGOTSKY, L.S. et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1998.

LIMA, Mayumi Souza. **A Cidade e a Criança**. São Paulo: Nobel, 1989 – Coleção Cidade Aberta.

MASCIOLI, S. A. Z. Brincar: um direito da infância e uma responsabilidade da escola. In: ANGOTTI, Maristela (org.). **Educação infantil: para que, para quem e por quê?** Campinas: Alínea, 2008.

NASCIMENTO, Anelise Monteiro do. Infância e cidade: crianças e adultos em um espaço público. UFRRJ Grupo Temático-03: **Movimentos Sociais e Educação**, 2005. Disponível em: 31reuniao. anped.org. br. Acesso em: 19 de dez. de 2014.

NASCIMENTO, Lucíola Ribeiro; PRATTI, Rosineia Carvalho Bicario. **Pedagogia da afetividade no processo de ensino aprendizagem**. Monografia. Escola de Ensino Superior Anísio Teixeira. Curso de Pedagogia. Serra, 2011.

OLIVEIRA, Cláudia. **O ambiente urbano e a formação da criança**. São Paulo: ALEPH, 2004.

PESSOA, A.C.B.; SOUZA, M.H.F. S; FONTES, F. **O lúdico no ambiente hospitalar**: algumas reflexões. Campina Grande: Realize, 2012.

PIAGET, J.A **formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

SANTOS, S. M. P. et al. **Brinquedoteca**: o lúdico em diferentes contextos. Petrópolis: Vozes, 1997. 144p.

TASSARA, Eda T. de Oliveira et al. **Psicologia e ambiente**. Educ. São Paulo, 2004.

TEIXEIRA, Edival Sebastião. A questão da periodização do desenvolvimento psicológico em Wallon e em Vygotsky: alguns aspectos de duas teorias. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.2, p. 235-248, jul./dez. 2003.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Rio de Janeiro: Andes, [s.d.].

APÊNDICE A- ENTREVISTA APLICADA AS MÃES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – CSHNB

LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Prezada mãe, sou estudante do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Universidade Federal do Piauí em Picos e estou realizando uma pesquisa sobre as brincadeiras infantis na rua. Solicito sua atenção para preencher este questionário. As informações servirão unicamente para a elaboração do meu trabalho de conclusão de curso. Desde já agradeço sua colaboração.

1. Que tipo de atividade seu filho prefere: brincadeiras na rua ou jogos eletrônicos?

2. O que você acha das brincadeiras de rua? E do seu filho brincar na rua?

3. Com quem seu(s) filho(s) brincam?

4. Qual o horário que seu(s) filho(s) brinca(m) na rua? Que dias da semana?

5. Qual a idade dos seu(s) filho(s)? Até onde você permite que seu(s) filho(s) brinque(m)?

6. Seu(s) filho (os) tem acesso a jogos eletrônicos? Com que frequência ele(s) usa(m)?

Obrigada pela atenção!



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- Tese
- Dissertação
- Monografia
- Artigo

Eu, **ELIANE MARGARIDA DE SOUSA**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **A PRESERVAÇÃO DOS COSTUMES LÚDICOS DAS RUAS COMO CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS NA CIDADE DE MONSENHOR HIPÓLITO – PIAUÍ** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 23 de junho de 2015.

Eliane Margarida de Sousa

Assinatura